

# Destino





ALLY CONDIE

# Destino

*Tradução*  
Livia de Almeida



Copyright © 2010 by Allyson Braithwaite Condie

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA OBJETIVA LTDA.  
Rua Cosme Velho, 103  
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090  
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825  
www.objetiva.com.br

Título original  
*Matched*

Capa  
Pronto Design sobre arte original de Theresa M. Evangelista

Imagem de capa  
Samantha Aide

Revisão  
Ana Kronemberger  
Lilia Zanetti  
Bruno Fiuza

Editoração eletrônica  
Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C751d Condie, Allyson Braithwaite  
Destino / Ally Condie ; tradução Livia de Almeida. - Rio de  
Janeiro : Objetiva, 2011.

Tradução de: *Matched*  
239p. ISBN 978-85-60280-81-0

1. Ficção americana. I. Almeida, Livia de. II. Título.

10-6571. CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

*Para Scott,  
que sempre acredita*



## CAPÍTULO 1

**A**gora que descobri como voar, que direção devo seguir noite adentro? Minhas asas não são brancas nem emplumadas. São verdes, feitas de seda verde que estremece ao vento e se dobra quando me mexo — primeiro num círculo, depois numa linha, finalmente numa forma que eu mesma inventei. A escuridão atrás de mim não me preocupa, nem as estrelas à frente.

Rio de mim mesma, da minha imaginação boba. Pessoas não podem voar, embora, antes da Sociedade, existissem mitos sobre aquelas que podiam. Vi uma pintura delas, certa vez. Asas brancas, céu azul, círculos dourados sobre as cabeças, olhos voltados para o alto, surpresos, como se não conseguissem acreditar naquilo que o artista havia pintado, como se não conseguissem acreditar que seus pés não tocavam o chão.

Aquelas histórias não eram verdadeiras. Sei disso. Mas, esta noite, fica fácil esquecer. O trem aéreo desliza pela noite estrelada tão suavemente, meu coração bate tão rápido, que parece que eu poderia subir ao céu a qualquer momento.

— Tá sorrindo por causa de quê? — Xander me pergunta enquanto aliso e ajeito as dobras do meu vestido de seda verde.

— De tudo — digo a ele, e é verdade. Esperei tanto por isso: pelo meu Banquete do Par. Onde vou ver, pela primeira vez, o rosto do garoto que vai ser meu Par. Vai ser a primeira vez que vou ouvir o nome dele.

Mal posso esperar. Por mais rápido que o trem aéreo avance, ainda não é rápido o bastante. Ele silencia a noite, e seu som é um pano de fundo para os chuviscos das vozes de nossos pais e os relâmpagos das batidas do meu coração.

Talvez Xander também consiga ouvir meu coração batendo, porque me pergunta “Tá nervosa?”. No assento ao lado, o irmão mais velho de Xander começa a contar para minha mãe a história do seu Banquete do Par. Não vai demorar muito para que Xander e eu tenhamos nossas próprias histórias para contar.

— Não — digo. Mas Xander é meu melhor amigo. Ele me conhece bem demais.

— Mentira — provoca ele. — Você tá nervosa.

— E você, não?

— Eu não. Estou pronto — diz, sem hesitação, e eu acredito nele. Xander é o tipo de pessoa que tem certeza do que quer.

— Não importa se você está nervosa, Cassia — diz ele, agora com delicadeza. — Quase 93% dos que comparecem ao Banquete do Par mostram alguns sinais de nervosismo.

— Você decorou *todo* o material oficial do Par?

— Quase todo — diz Xander, sorrindo. Ele estende as mãos como se dissesse “*O que você esperava?*”.

O gesto me faz rir. Além do mais, eu também decorei o material. É fácil quando você lê aquilo tantas vezes, quando a decisão é tão importante.

— Então você está na minoria — digo. — Os 7% que não mostram nervosismo algum.

— É claro — concorda.

— Como é que você percebeu que *eu* tava nervosa?

— Porque você fica abrindo e fechando *isso*. — Xander aponta o objeto dourado em minhas mãos. — Não sabia que você tinha um artefato. — Poucos tesouros do passado circulam entre nós. Embora os cidadãos da Sociedade tenham permissão para possuir um artefato cada, eles não são fáceis de se achar. A menos que você tenha tido ancestrais que se deram ao trabalho de passar essas coisas adiante, ao longo dos anos.

— Eu não tinha, até algumas horas atrás — conto para ele. — Vovô me deu de aniversário. Pertenceu à mãe dele.

— Como se chama? — pergunta Xander.

— Estou de pó compacto — digo. Gosto muito do nome. Compacto significa pequeno. Eu sou pequena. Também gosto do som quando você pronuncia: *com-pac-to*. Dizer a palavra faz um barulho parecido com o do próprio artefato ao se fechar.

— O que querem dizer as iniciais e os números?

— Não sei bem. — Passo o dedo sobre as letras *ACM* e os números *1940* gravados sobre a superfície dourada. — Mas olha só — digo a ele, abrindo o compacto para mostrar a parte de dentro: um espelhinho, feito de vidro de verdade, e um pequeno espaço vazio onde a antiga dona costumava guardar pó para passar no rosto, segundo o Vovô. Agora, eu uso para guardar os três comprimidos de emergência que todo mundo carrega — um verde, um azul, um vermelho.

— É conveniente — diz Xander. Ele estica os braços diante de si e reparo que ele também tem um artefato: um par de reluzentes abotoaduras de platina. — Meu pai me emprestou isso, mas não dá para guardar nada nelas. São completamente inúteis.

— Mas são bonitas. — Meu olhar viaja até o rosto de Xander, seus olhos azuis ofuscantes, o cabelo louro, o terno escuro e a camisa branca. Ele sempre foi bonito, mesmo quando éramos pequenos, mas eu nunca o tinha visto arrumado desse jeito. Meninos não têm tanta liberdade de opção para escolher as roupas quanto meninas. Ternos são todos meio parecidos. De qualquer forma, eles têm direito a escolher a cor das camisas e das gravatas, e a qualidade do tecido é bem superior a do material usado nas roupas comuns.

— *Você* tá bem. — A garota que descobrir que ele é Par dela vai se empolgar.

— Bem? — diz Xander, erguendo as sobrancelhas. — Só isso?

— Xander — diz a mãe dele, ao lado, bom humor e censura misturados na voz.

— *Você* tá linda — Xander me diz e eu fico meio envergonhada, apesar de conhecê-lo a vida inteira. Eu *me sinto* bonita neste vestido verde, esvoaçante, comprido. A suavidade pouco habitual da seda contra a minha pele me faz sentir ágil e graciosa.

Ao meu lado, minha mãe e meu pai respiram fundo quando a Prefeitura aparece, iluminada de azul e branco, cintilando com as luzes especiais que indicam uma celebração acontecendo. Ainda não consigo ver a escadaria de mármore diante do prédio, mas sei que vai estar polida e reluzente. Toda a vida, esperei pela hora de subir aqueles degraus limpos de mármore e cruzar os portões da Prefeitura, um prédio que já havia visto a distância, mas onde nunca entrei.

Quero abrir o compacto e me olhar no espelho para ter certeza de que está tudo perfeito. Mas não quero parecer fútil, por isso dou uma olhada no reflexo do meu rosto na superfície.

A tampa arredondada do compacto distorce meus traços um pouco, mas ainda sou eu. Meus olhos verdes. Meu cabelo castanho-cobre, que parece mais dourado no compacto do que na vida real. Meu narizinho reto. Meu queixo com vestígios de uma covinha como a do meu avô. Todas as características exteriores que fazem de mim Cassia Maria Reyes, exatos 17 anos.

Viro o compacto nas mãos, vendo como as duas partes se encaixam perfeitamente. Meu Par vem ao meu encontro com a mesma harmonia, a começar por eu estar aqui esta noite. Como meu aniversário cai dia 15, mesmo dia em

que o Banquete acontece todos os meses, sempre *sonhei* encontrar meu Par na data do meu aniversário — mas eu sabia que isso podia não acontecer. Você pode ser convocado para o Banquete a qualquer momento no ano seguinte ao seu aniversário de 17 anos. Quando a notificação apareceu no terminal, duas semanas atrás, avisando que eu, de fato, saberia quem era o meu Par no dia do meu aniversário, eu quase ouvi um estalo combinando as peças, exatamente como eu sonhava havia tanto tempo.

Porque, apesar de não ter esperado nem um dia inteiro pelo meu Par, de certa forma eu esperei por ele a vida inteira.

— Cassia — diz minha mãe, sorrindo para mim. Pisco e levanto os olhos, assustada. Meus pais se levantam, prontos para desembarcar. Xander também se levanta, endireita as mangas. Eu o escuto respirar fundo e sorrio para mim mesma. Talvez ele esteja um pouquinho nervoso, então.

— Lá vamos nós — ele me diz. Seu sorriso é tão gentil e bom. Estou feliz por termos sido convocados no mesmo mês. Dividimos tanta coisa na infância. Me parece justo que também possamos dividir o fim dela.

Sorrio de volta para ele e ofereço a melhor saudação que temos na Sociedade.

— Te desejo os melhores resultados — digo a Xander.

— Para você também, Cassia — responde.

Ao sairmos do trem aéreo e caminharos em direção à Prefeitura, meus pais unem os braços aos meus. Como sempre, estou cercada pelo amor deles.

Somos só nós três, esta noite. Meu irmão, Bram, não pôde vir ao Banquete do Par porque tem menos de 17 anos, jovem demais para comparecer. O primeiro Banquete ao qual você vai é sempre o seu. Eu, porém, vou poder comparecer ao banquete de Bram porque sou a irmã mais velha. Sorrio sozinha, pensando em como vai ser o Par de Bram. Dentro de sete anos eu vou descobrir.

Mas hoje é a *minha* noite.

É fácil identificar aqueles de nós que vão conhecer seus Pares. Não é só porque somos mais jovens do que os outros, mas também porque circulamos em vestidos lindos e ternos bem-cortados, enquanto nossos pais e irmãos mais velhos estão de roupas comuns, um pano de fundo que nos permite desabrochar. Os Funcionários da Cidade sorriem para nós com orgulho, e sinto uma onda de emoção no coração quando entramos na Rotunda.

Além de Xander, que se despede de mim com um aceno ao cruzar o salão até a área onde deve ficar sentado, vejo outra menina que eu conheço, chamada Lea. Ela escolheu um vestido vermelho vivo. É uma boa opção para ela, porque

é bonita o bastante para que chamar a atenção funcione a seu favor. Mas parece preocupada, e não para de mexer no artefato dela, uma pulseira de pedras vermelhas. Fico um pouco surpresa em encontrar Lea aqui. Eu apostaria que ela fosse ser um dos Solteiros.

— Olha essa porcelana — diz meu pai, quando chegamos ao nosso lugar nas mesas do Banquete. — Isso me lembra as peças Wedgwood que achamos ano passado...

Minha mãe olha para mim e revira os olhos, achando graça. Nem no Banquete do Par meu pai consegue deixar de reparar nessas coisas. Meu pai passa meses trabalhando em áreas antigas que estão sendo restauradas e transformadas em Bairros para uso público. Ele revira as relíquias de uma sociedade que não está tão distante no passado quanto parece. Atualmente, por exemplo, está trabalhando em um projeto de Restauração particularmente interessante: uma antiga biblioteca. Ele separa as coisas que a Sociedade determinou que são valiosas das outras que não são.

Mas eu acabo tendo que rir porque minha mãe não consegue deixar de falar das flores, já que estão na área de conhecimento *dela*, como trabalhadora do Arboreto.

— Ah, Cassia! Olha os arranjos de mesa. Lírios. — Ela aperta a minha mão.

— Por favor, sentem-se — avisa-nos um Oficial do pódio. — O jantar vai ser servido.

É quase cômica a rapidez com que nos sentamos. Porque podemos admirar a porcelana e as flores, podemos estar aqui para conhecer nossos Pares, mas também mal podemos esperar para experimentar a comida.

— Dizem que os candidatos a pares nunca aproveitam o jantar — diz um homem de aspecto jovial, sentado na nossa frente, sorrindo. — Ficam tão nervosos que não conseguem comer. — E é verdade. Uma das garotas sentada do outro lado da mesa, de vestido cor-de-rosa, olha fixamente para o prato sem tocar em nada.

Eu, no entanto, não tenho esse tipo de problema. Embora não me empanturre, consigo comer um pouco de tudo — os legumes assados, a carne bem temperada, as verduras crocantes e o queijo cremoso. O pão leve e quente. A refeição parece uma dança, como se estivéssemos não só num baile, mas também num banquete. Os garçons deslizam os pratos diante de nós com mãos graciosas. A comida, vestida com ervas e ornamentos, está tão enfeitada quanto nós. Erguemos os guardanapos brancos, os garfos de prata, as taças reluzentes de cristal como se seguíssemos o ritmo da música.

Meu pai sorri feliz quando o serviçal coloca, diante dele, uma fatia de bolo de chocolate com creme fresco, no final da refeição.

— Maravilhoso — ele cochicha, tão baixo que só eu e minha mãe escutamos.

Minha mãe ri um pouco, zombando dele, que busca a mão dela.

Eu compreendo o entusiasmo quando dou uma mordida no bolo, de sabor intenso, mas não em excesso, profundo, escuro e delicioso. É a melhor coisa que comi desde o tradicional jantar da Festa de Inverno, meses atrás. Queria que Bram pudesse comer um pouco de bolo e, por um minuto, penso em guardar um pouco para ele. Mas não tenho como levar. Não caberia no estojo. Seria feio esconder na bolsa da minha mãe, mesmo se ela concordasse, e ela não concordaria. Minha mãe nunca desrespeita as regras.

Não posso guardá-lo para depois. É agora ou nunca.

Acabei de colocar a última garfada na boca quando o apresentador diz:

— Estamos prontos para anunciar os Pares.

Engulo com surpresa e, por um segundo, sinto uma inesperada onda de raiva: não saboreei devidamente o último pedaço de bolo.

— Lea Abbey.

Lea revira a pulseira furiosamente, ao se levantar, esperando o rosto aparecer na tela. Porém, ela tem o cuidado de manter as mãos baixas, para que o garoto que vai vê-la em outra Prefeitura enxergue apenas a loura bonita e não suas mãos preocupadas, mexendo naquela pulseira.

É estranho como nos agarramos a pedaços do passado enquanto aguardamos por nossos futuros.

Há uma organização, naturalmente, em relação aos Pares. Em Prefeituras por todo o país, todas cheias de gente, os Pares são anunciados em ordem alfabética, de acordo com o sobrenome das meninas. Sinto um pouco de pena dos meninos, que não têm a mínima ideia de quando seus nomes serão chamados, momento em que devem ficar de pé para serem recebidos como Pares por meninas de outras Prefeituras. Como meu sobrenome é Reyes, vou estar em algum lugar do meio para o final. O começo do fim.

A tela mostra o rosto de um garoto, louro e bonito. Ele sorri ao ver o rosto de Lea na tela diante dele, e ela também sorri.

— Joseph Peterson — disse o apresentador. — Lea Abbey, seu par é Joseph Peterson.

A anfitriã do Banquete leva uma caixinha de prata para Lea. A mesma coisa acontece com Joseph Peterson, na tela. Quando Lea se senta, ela olha a

caixinha de prata com ansiedade. Não a culpo. Lá dentro está um microcartão com todas as informações sobre seu Par. Nós todos as recebemos. Mais tarde, as caixas vão servir para guardar os anéis para o Contrato Matrimonial.

A tela volta à imagem padrão: um menino e uma menina sorrindo um para o outro, com luzes cintilantes e um Funcionário de casaco branco ao fundo. Embora a Sociedade programe o anúncio dos Pares da forma mais eficiente possível, ainda há momentos em que a tela volta a esta imagem, o que significa que nós esperamos enquanto algo acontece noutro lugar. É tão complicado — os Pares —, e me lembro mais uma vez dos complicados passos de dança que se faziam muito tempo atrás. Esta dança, porém, é feita de uma forma que só a Sociedade pode coreografar.

A imagem desaparece.

O apresentador chama outro nome. Outra garota se levanta. Logo, mais e mais pessoas do Banquete estão com as suas caixinhas de prata. Algumas as deixaram sobre as toalhas de mesa brancas diante delas, mas a maioria as segura cuidadosamente, sem querer deixar o futuro fora do alcance das mãos assim tão depressa.

Não vejo outras garotas de vestido verde. Não me importo. Gosto de pensar que, por uma noite, eu não me pareço com mais ninguém.

Espero, segurando o estojo numa mão e a mão da minha mãe na outra. Sua palma parece úmida. Pela primeira vez, percebo que ela e meu pai também estão nervosos.

— Cassia Maria Reyes.

É a minha vez.

Levanto, soltando a mão da minha mãe, e me volto para a tela. Sinto o coração bater forte e a tentação de mexer nas mãos como Lea, mas fico completamente parada, com o queixo erguido e os olhos na tela. Observo e espero, determinada a fazer com que a garota que meu Par vai ver na tela, em sua Prefeitura em algum lugar da Sociedade, seja equilibrada, calma e bela, a melhor imagem de Cassia Maria Reyes que posso apresentar.

Mas nada acontece.

Continuo de pé olhando a tela e, enquanto passam os segundos, tudo o que posso fazer é permanecer imóvel, tudo o que posso fazer é continuar a sorrir. Começo a ouvir cochichos. Com o canto dos olhos, vejo minha mãe mexer com as mãos como se fosse novamente pegar a minha, mas então ela recua.

Uma garota de vestido verde aguarda, de pé, o coração batendo. Eu.

A tela está escura e permanece escura.

Isso só pode querer dizer uma coisa.

## CAPÍTULO 2

Os cochichos se elevam suavemente à minha volta, como se fossem pássaros batendo as asas sob a cúpula da Prefeitura.

— Seu Par se encontra aqui, esta noite — diz a anfitriã, sorridente. As pessoas ao meu redor também sorriem, e os murmúrios aumentam de intensidade. Nossa Sociedade é tão vasta, as Cidades são tantas, que as chances de o seu Par perfeito estar na sua própria Cidade são minúsculas. Há muitos anos não acontece algo assim por aqui.

Os pensamentos se precipitam na minha cabeça e eu fecho os olhos rapidamente, ao perceber o que isso significa, não em teoria, mas para mim, a garota de vestido verde. *Eu talvez conheça meu Par*. Ele pode ser alguém que frequenta a mesma Segunda Escola que eu, alguém que eu vejo todos os dias, alguém...

— Xander Thomas Carrow.

Na sua mesa, Xander se levanta. Um mar de rostos atentos e toalhas de mesa brancas, taças de cristal cintilantes e reluzentes caixas de prata se estende entre nós.

Não dá para acreditar.

É um sonho. As pessoas voltam os olhos para mim e para o garoto bonito, de terno escuro e gravata azul. Não parece ser verdade até que Xander sorri para mim. Penso, *Eu conheço aquele sorriso*, e subitamente eu também estou sorrindo, e a onda de aplausos e o perfume dos lírios me convence totalmente de que aquilo está mesmo acontecendo. Sonhos não têm cheiros nem ruídos tão intensos quanto esse. Quebro o protocolo um pouquinho ao acenar discretamente para Xander, e o sorriso dele aumenta.

A anfitriã diz.

— Podem voltar aos seus lugares. — Ela parece contente por estarmos tão felizes. Naturalmente, deveríamos estar. Nós *somos* o melhor Par um para o outro, afinal de contas.

Quando ela me traz a caixa de prata, eu a seguro com cuidado. Mas já sei muito do que há ali dentro. Xander e eu não só frequentamos a mesma escola, como moramos na mesma rua. Somos melhores amigos desde que me entendo por gente. Não preciso de um microcartão para me mostrar imagens de Xander na infância, porque tenho muitas na minha cabeça. Não preciso baixar uma lista de favoritos para decorar, porque já sei quais são. Cor favorita: verde. Atividade de lazer favorita: natação. Recreação favorita: jogos.

— *Meus parabéns, Cassia* — cochicha meu pai, com expressão de alívio. Minha mãe não diz nada, mas está radiante de alegria e me abraça forte. Atrás dela, outra garota se levanta, com os olhos na tela.

O homem sentado ao lado do meu pai sussurra:

— Que sorte para a sua família. Você não precisa confiar o futuro dela a alguém sobre quem não sabe nada.

Fico surpresa com a ponta de infelicidade no seu tom de voz, como o comentário parece beirar a insubordinação. A filha, a menina nervosa de vestido rosa, também escuta aquilo. Parece pouco à vontade e muda de posição na cadeira. Eu não a reconheço. Ela deve frequentar outra das Segundas Escolas da nossa Cidade.

Dou uma olhada sorrateira para Xander, mas tem gente demais no caminho e não consigo vê-lo. Outras meninas se revezam, se levantando. A tela se ilumina para cada uma. Não fica escura para mais ninguém. Eu sou a única.

Antes de irmos embora, a anfitriã do Banquete dos Pares pede a Xander, a mim e às nossas famílias para irmos falar com ela.

— É uma situação rara — diz ela, mas se corrige imediatamente. — Rara não. Perdão. É meramente incomum. — Ela sorri para nós dois. — Como vocês já se conhecem, o procedimento vai ser diferente para vocês. Grande parte das informações iniciais sobre o outro vocês já saberão. — Ela aponta para nossas caixinhas. — Algumas novas orientações para o namoro foram incluídas nos seus microcartões, por isso vocês devem se familiarizar com elas quando tiverem a oportunidade.

— Vamos lê-las hoje à noite — Xander promete com sinceridade.

Tento não dar sinal de que estou achando graça, porque ele soa exatamente como quando recebe uma nova tarefa de aprendizado de um professor. Ele vai ler as novas orientações e memorizá-las, como leu e memorizou o material oficial sobre os Pares. E então volto a corar, ao me lembrar subitamente de um parágrafo daquele texto:

*Se você escolher ter um Par, seu Contrato Matrimonial acontecerá ao completar 21 anos. Estudos demonstram que a fertilidade dos homens e das mulheres chega ao*